

CASA CORTEZ DE PAULA

Memórias Família

A Júlio e Suzanna, meus avós.

*Nesta casa, aprendi que o amor
também se desenha em espaço,
que a arquitetura pode ser vida
compartilhada, refúgio de afetos
e morada de sonhos.*

Histórico do bem cultural

Sempre me fascinaram as histórias dos meus avós. O que mais me marca não é o tempo em que viveram, mas como suas decisões refletiam de forma tão fiel o espírito de uma época.



O projeto da residência data de 1954, quando Belo Horizonte se afirmava como referência da arquitetura modernista.



Figura 01. Suzanna e Júlio no Cassino da Pampulha

Poucos anos antes, sob a gestão de Juscelino Kubitschek, o conjunto da Pampulha (1942-1943), projetado por Oscar Niemeyer, havia transformado a cidade em vitrine de modernidade e inovação.

Foi no salão do Cassino da Pampulha, ícone dessa nova Belo Horizonte, que meus avós se conheceram.



Figura 03. Suzanna e Júlio no late Tennis Clube

A história dessa casa é inseparável da história de seus moradores. Suzanna Campos Cortez e Júlio de Paula viveram uma vida que refletia, de maneira singular, as transformações culturais e sociais de Belo Horizonte e do Brasil no século XX. Ambos, cada qual em sua área, foram pioneiros. Ambos carregavam uma marca de modernidade que os colocou muito à frente de seu tempo.

Uma única dança marcou o início de uma história que se materializaria, anos depois, na casa da Rua Manoel Couto, 420.



Figura 02. Bodas do Casal

Desde a juventude, Suzanna se destacava pelo lugar que ocupava. Estudante do tradicional Ginásio Mineiro, circulou entre colegas que se tornariam ícones da literatura e da crítica, como Hélio Pellegrino, Fernando Sabino e Otto Lara Resende. Não era apenas expectadora: participava das conversas, compartilhava leituras, vivia a efervescência cultural da capital mineira.



Figura 04. Suzanna e o colega Hélio

Nos carnavais do final da década de 1930, Suzanna e suas irmãs ousaram desafiar convenções e transformaram a costura, aprendida cedo, em gesto de invenção e estilo. No salão do Automóvel Clube, surgiam com fantasias próprias, que uniam coragem, delicadeza e modernidade.



Figura 05 e 06. Suzanna vestindo fantasias confeccionadas por ela por ela e suas irmãs e suas irmãs para o carnaval

Naquele tempo, exibir a barriga de fora ou vestir modelos tomara que caia era provocação. Um gesto de liberdade corporal e afirmação feminina que contrastava com os padrões conservadores da época.

Se as marchinhas já insinuavam plumas e brilhos, só nos anos 1940 e 1950 essas ousadias se tornariam comuns. Suzanna e as irmãs Cortez, no entanto, anteciparam o futuro, transformando o Carnaval em palco de irreverência, ousadia, beleza e presença feminina.



Figura 07 e 08. Suzanna com seus colegas de faculdade



Figura 09. Foto de Formatura

Em 1940, ao concluir o Ginásio Mineiro, Suzanna seguiu por um caminho raro às mulheres de sua geração. Ingressou na recém-criada Faculdade de Filosofia de Minas Gerais.

Em 1944, formou-se em Letras, entre os primeiros bacharéis do estado. Num tempo em que ousar pensar e escrever era privilégio de poucos, ela se afirmava com coragem e elegância, acreditando no poder transformador da cultura.

*Era uma mulher que,
desde cedo, reivindicava
o direito de pensar,
escrever e dialogar .*



Enquanto Suzanna construía sua história nos círculos literários, Júlio de Paula abria caminho em outro território de inovação: a medicina.



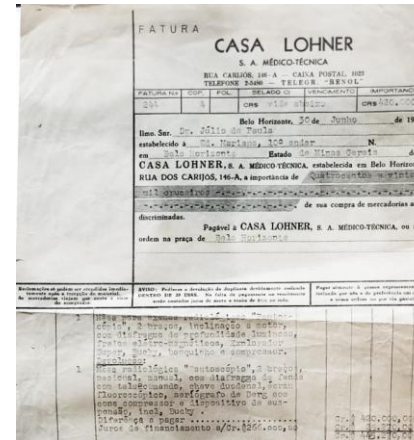
Graduou-se na UFMG em 1939. Já no início da carreira, escolheu a radiologia, um campo que ainda engatinhava no Brasil, e fez dela sua vocação.

Em 1943, iniciou sua trajetória no Hospital Felício Rocho como médico radiologista.



Três anos depois, em 1946, assumiu o serviço de Raio X do Centro de Saúde Modelo, onde coordenou um dos maiores cadastros torácicos do estado.

Era um período em que a tuberculose ainda representava um dos maiores desafios da saúde pública em Minas e no Brasil.



Na década seguinte, ousou novamente.

Fundou um laboratório particular de diagnóstico por imagem, equipado com tecnologia de ponta.

Foi um dos primeiros serviços privados de Belo Horizonte, ampliando o acesso a exames antes restritos a hospitais de elite.

Em 1958, tornou-se presidente do Departamento de Radiologia da Associação Médica de Minas Gerais, posição que o consolidava como voz de referência da especialidade no estado.



Júlio de Paula não se definia apenas pela técnica. Era honesto, correto, divertido e humano. Possuía percepção clínica rara: sabia o diagnóstico antes da imagem, usando o exame apenas para confirmar o que sua experiência intuía.

*Quem conviveu com ele
recorda um médico que unia
rigor e leveza, ciência e
sensibilidade, sempre com
um sorriso que acolhia.*



Eles noivaram em 1946 e se casaram no ano seguinte. A primeira morada foi na Rua Alvarenga Peixoto, onde nasceram Ronaldo, Juliana e Rebecca. O Rômulo viria depois, já na casa da Rua Manoel Couto.

Quando decidiram erguer sua residência definitiva, o bairro escolhido foi o recém-criado Cidade Jardim.

Planejado em 1940, na gestão de Juscelino Kubitschek, e implantado em 1948, na administração de Otacílio Negrão de Lima, o bairro materializava o ideário modernista: ruas largas e arborizadas, lotes generosos e jardins exuberantes.

Essa escolha refletia a busca por um novo modo de viver em Belo Horizonte, alinhado ao espírito de modernidade que movia a capital em meados do século XX.

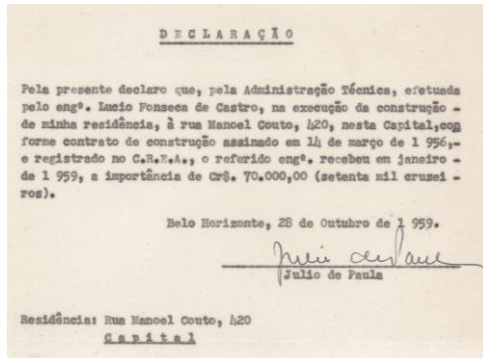


O primeiro estudo da residência foi elaborado por Sílvio de Vasconcellos, arquiteto e amigo de Niemeyer.

Conta-se que, ao visitar o terreno, Niemeyer teria sugerido que a construção repousasse sobre o declive com leveza, quase sem tocar o solo, respeitando a topografia com o mínimo de movimentação de terra.



A versão definitiva, de Geraldo Ferreira Lima, reposicionou os quartos para a vista da Serra do Curral e preservou a implantação original, traduzindo princípios de leveza, racionalidade e integração à paisagem.



O engenheiro responsável pela obra foi Lúcio Fonseca de Castro, que assegurou a condução técnica da construção. Júlio acompanhou cada etapa, da fundação ao acabamento, atento ao canteiro e às escolhas que definiam a casa.

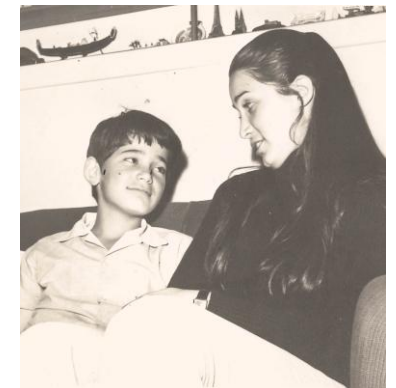
Dessa relação entre rigor técnico e presença constante ergueu-se uma residência sólida e cuidadosa nos detalhes, que traduzia, em sua materialidade, o sonho da família.



O projeto de interiores foi confiado ao decorador Laerte, que imprimiu à casa a modernidade de sua época sem abrir mão da intimidade.



As cores bordô, azul claro, rosa bebê e amarelo suave, combinadas a móveis de fórmica, madeira laminada e tubos cromados, davam forma à rotina familiar, entrelaçando funcionalidade e afeto.



Com o tempo, móveis foram substituídos e paredes repintadas, mas os nomes dos cômodos guardaram a lembrança das cores originais.

Demorei anos para entender por que a sala de estudos era chamada de quarto azul, quando de azul já não havia mais nada. Ainda assim, a memória da cor sobrevivia na palavra.

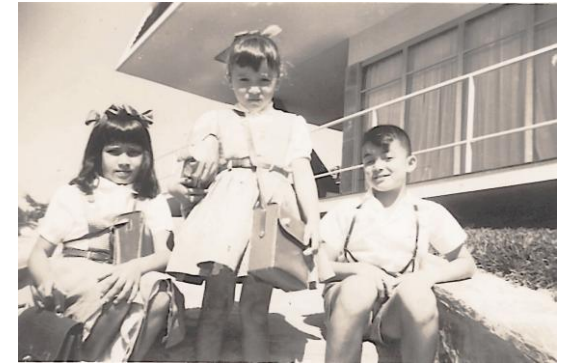
Algumas marcas singulares atravessaram gerações: os faróis de Fusca transformados em luminárias na fachada e o jasmim-manga multicolorido do jardim, cujos troncos enxertados pelo Dr. Júlio floresciam em diferentes tons.



Gestos inventivos que revelavam sua curiosidade e a relação criativa com a casa.

Vovô tinha verdadeira paixão pela residência, cuidava dela com carinho, quase devoção, como se em cada gesto reafirmasse sua alegria em vê-la existir.

Vovó permaneceu no lar até os 101 anos, lúcida e presente. Guardiã das histórias e memórias da família, manteve-se fiel à casa que ajudou a construir e da qual nunca quis se afastar.



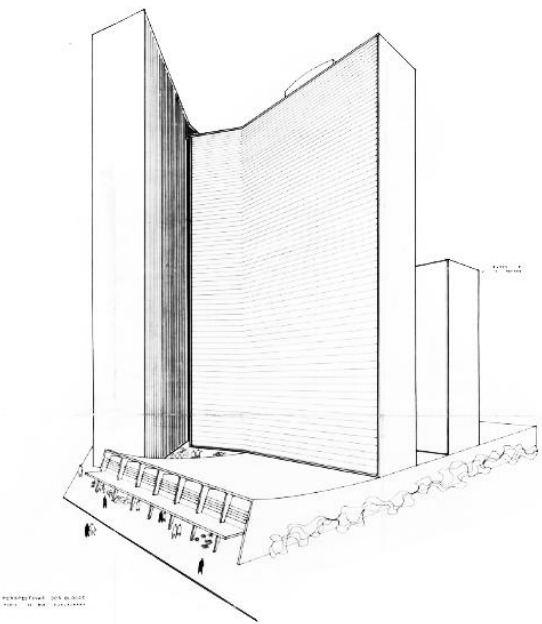
O amor deles atravessou gerações. Filhos e netos se reuniam todos os domingos na casa, em encontros que se tornaram rituais de convivência e gravaram na memória coletiva momentos de alegria e pertencimento.



Hoje vazia, continua habitada por memórias que resistem ao silêncio. Lembranças que atravessam gerações, prova de que a arquitetura, quando carrega sentido, ultrapassa o tempo: torna-se força catalisadora de vínculos que permanecem e experiências que se multiplicam.

Sobre o Arquiteto

Geraldo Ferreira Lima formou-se arquiteto pela Escola de Arquitetura da UFMG em 1954. Antes mesmo do diploma, já atuava na prática: aos 14 anos, iniciou como office-boy no escritório de Luiz Pinto Coelho, onde se tornou desenhista e teve contato com nomes centrais da arquitetura em Belo Horizonte, como Sylvio de Vasconcellos e Walter Machado.



Trabalhou no IPHAN, ao lado de Vasconcellos, e mais tarde no escritório de Raphael Hardy Filho.

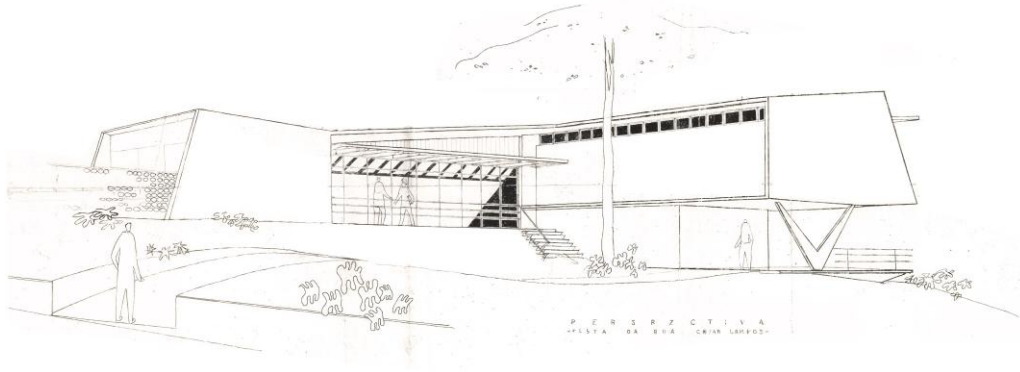
Em 1959, fez concurso para professor da Escola de Arquitetura da Universidade Federal de Minas Gerais e passou a lecionar Desenho Arquitetônico, onde ficou até 1987. Nesse período, formou gerações de arquitetos e consolidou sua trajetória profissional.

Entre suas obras de destaque estão a residência da Rua Manoel Couto, 420 (1954), exemplar da arquitetura moderna residencial em Cidade Jardim; o Edifício Pilar (1961), na Av. Afonso Pena; o Edifício Mendes Campos (c. 1972), na Savassi; e o edifício da Previminas, nos anos 1970.



Sua obra combina simplicidade formal, racionalidade construtiva e clareza volumétrica, princípios centrais do modernismo mineiro, em sintonia com o legado da Pampulha e da Escola de Arquitetura da UFMG.

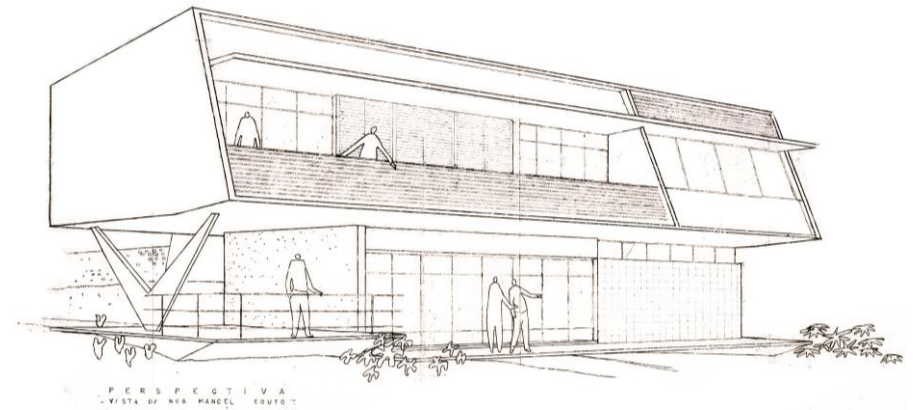
Descrição Arquitetônica



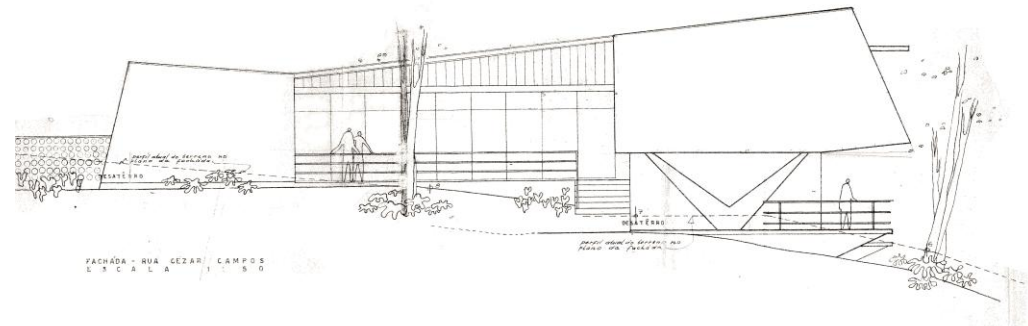
A Casa Manoel Couto nasce do terreno em active. Implantada em esquina, não corrige a topografia: organiza-se a partir dela. A arquitetura se distribui em três níveis, cada um refletindo a função que abriga.



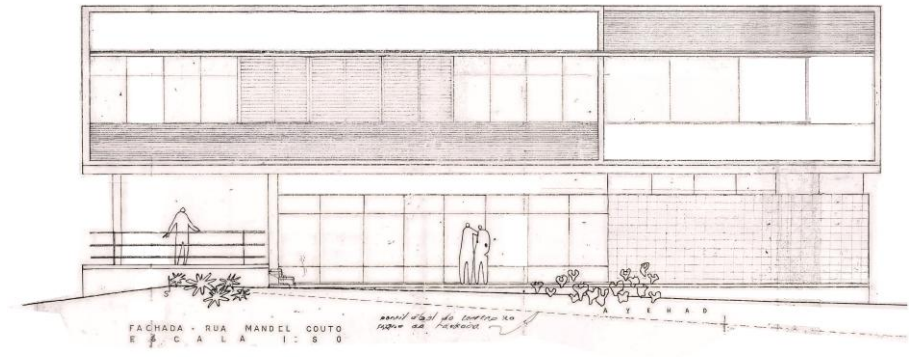
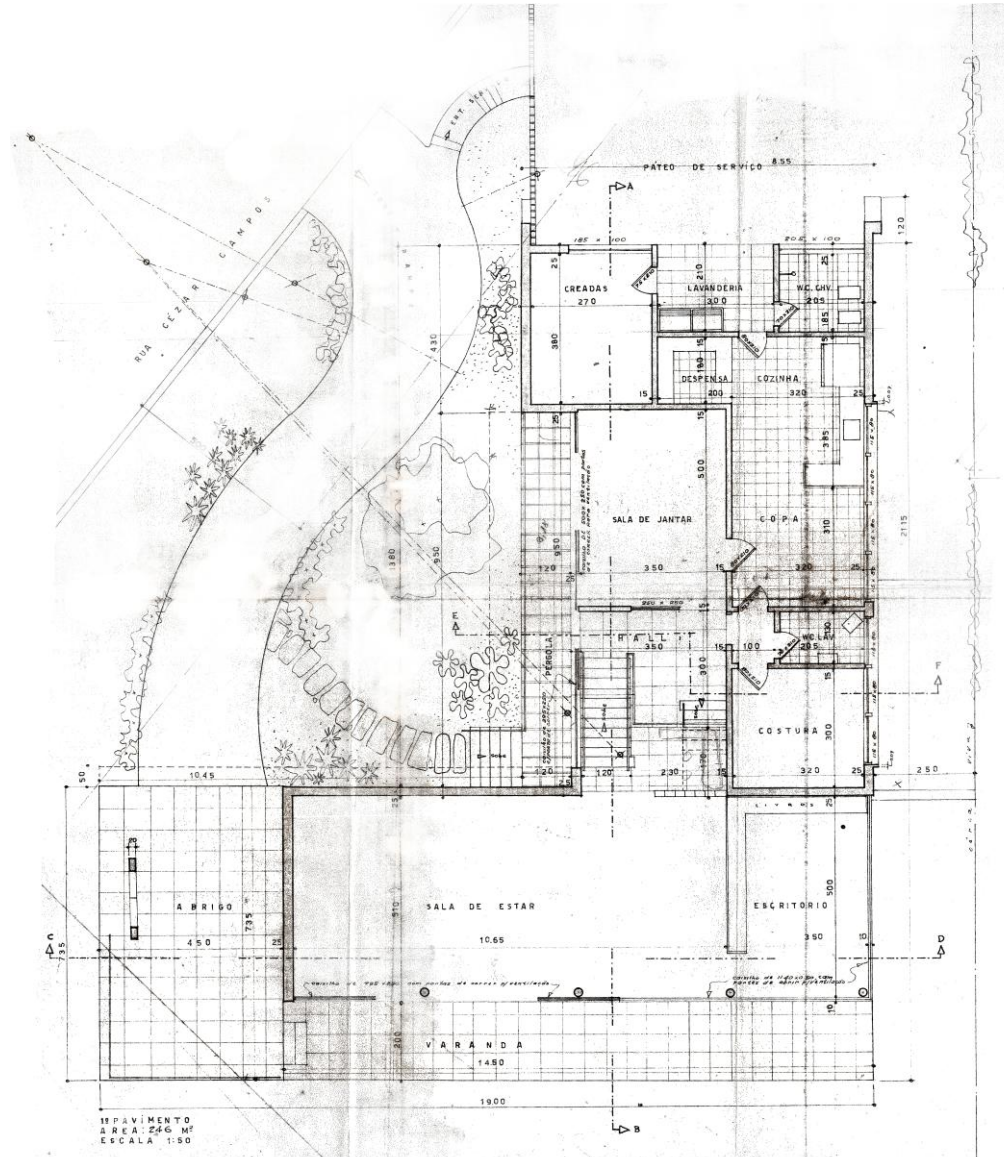
No primeiro nível, junto ao jardim, estão o estar e o escritório — espaços sociais que se abrem à rua e ao verde, prolongando-se em varandas e diluindo fronteiras entre dentro e fora.



No nível intermediário, acessado pelo hall, concentra-se o núcleo funcional: sala de jantar, sala de estudos, cozinha e quintal, articulados em torno da vida cotidiana.



Descrição Arquitetônica



No superior, mais reservado, dormitórios e estar íntimo se alinham à varanda, em silêncio e privacidade, iluminados por aberturas contínuas que asseguram ventilação natural.

